A construção de si através das outras: homens colonizadores e mulheres nativas no Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (1946 - 1948).

Isabela Letícia Cassis Augusto*

Omar Ribeiro Thomaz

Resumo

Nesta pesquisa foi realizado um estudo documental acerca do processo de formação da imagem da mulher nativa e da identidade branca colonial dos homens portugueses na antiga Guiné Portuguesa através da leitura detida dos primeiros volumes de um de seus principais periódicos coloniais, o Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, publicação do governo da então colônia.

Palavras-chave:

Guiné-Bissau, Branquitude, Colonialismo português

Introdução

A proposta de atividades se dispôs à leitura e análise dos primeiros volumes do *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (BCGP)*, uma revista acadêmica de responsabilidade do Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, instituição criada em 1946, cujas publicações se estendem até 1973, com 110 volumes normais. Durante o processo, 4 pontos principais de análise foram levantados: o público alvo e os objetivos com a publicação do Boletim; os processos de colonização e assimilação portuguesa; as menções às mulheres guineenses no Boletim; e os esforços de classificação das comunidades guineenses.

Pretende-se aqui enfrentar esta análise a partir da *branquitude* expressa na auto-representação dos portugueses (homens) no *BCGP*, bem como o lugar da violência colonial europeia nos complexos processos de formação identitária das mulheres na Guiné. O objetivo mais amplo do trabalho é o de contribuir empírica e metodologicamente com o estudo dos processos identitários, encarando o Boletim como o resultado de situações relacionais.

Resultados e Discussão

A leitura do boletim foi trabalhada a partir da noção de *branquitude*, aqui compreendida enquanto um processo historicamente contingente e espacialmente específico, que envolve formas de poder constitucionais, culturais e discursivos¹. O conceito de raça é uma ficção, um legado². As relações raciais são examinadas como parte de processos históricos e a raça é analisada como uma prática, e não algo estático e imutável.

A identidade aqui se constrói no diálogo que o indivíduo mantém com a compreensão que as outras pessoas têm de quem ele é, principalmente por um processo de contraposição³. A natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem o significado do “eu” e do “outro”, através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão⁴. As identidades raciais são socialmente construídas, e não simplesmente herdadas por algum processo natural. Nessa construção, a pessoa passa por um processo de formação identitária, na qual ela não “é”, mas se “torna”.

A partir dessa colocação, a mulher negra muitas vezes passa a sê-la diante dos brancos, nas sociedades coloniais, nas quais sua inferioridade passa pelo crivo do outro⁵. Esse reconhecimento se faz em terceira pessoa.

É em meio esta discussão que o *BCGP*. Trata-se de uma coleção resultado do esforço de homens brancos portugueses - entre administradores coloniais, juristas, etnógrafos, missionários, militares etc.

Imagem 1 – Mulheres Bijagós, da ilha de Bubaque

A leitura e análise do *Boletim* e das suas imagens revela que a condição de fêmea da mulher negra guineense é, ao longo dos primeiros volumes do *BCGP*, enfática. Menções acerca das mulheres guineenses, em meio às tentativas exaustivas de classificação dos grupos populacionais, são recorrentes. Os momentos em que se traz à tona menções das mulheres é, quase sempre, em relação à puberdade e casamento. Desataque-se ainda o caráter “enigmático” do grupo Bijagó, que gira em torno principalmente da condição das mulheres. Entre os três primeiros volumes, de 1946 à 1948, o debate acerca do suposto matriarcado Bijagó é dominante.

Conclusões

Essa análise mostra que a construção da *branquitude* em meio ao contexto colonial. Há um processo de nomeação unidimensional das mulheres guineenses enquanto fêmeas, sexualizadas e sensualizadas: trata-se de um “saber” construído por homens brancos. A recorrência de temas como a promiscuidade *versus* o casamento é reveladora antes de uma obsessão dos brancos que de uma realidade das mulheres da Guiné.

Agradecimentos

Agradecimentos ao CNPq pelo auxílio financeiro.

WRAY, Matt. 2004. Pondo a “ralé branca” no centro: implicações para pesquisas futuras. In: *Branquitude: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond

² WARE, Vron. 2004. Introdução: O poder duradouro da branquitude: “um problema a solucionar”. In: *Branquitude: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond.

³ TAYLOR, Charles. 1994. *Multiculturalism: examining the politics of recognition*. Princeton: Princeton University Press.

⁴ MEMMI, Albert. 1974. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

⁵ FANON, Frantz. 1980. *Pele negra, máscaras brancas*. Rio de Janeiro, Fator.